J. G. de Araújo Jorge — A companhia

Do amor não quero mais a aventura, quero a companhia.

Já não procuro ilusões e surpresas se todos os caminhos foram percorridos, se oblíquo sol da tarde alonga a minha sombras presa ainda a meus pés, a fugir, para onde?

Quero a compreensão, a tranquila ternura, a presença melhor depois que amada, a que sabe ser luz clareando a estrada, ser aragem na fronte ardente a inquieta;

- alta maré para encobrir escolhos, ser água para a sede que atormenta, sombra, quando a luz doer nos olhos.
- A que inteira se dá sem pedir nada só pela humilde alegria de se dar!

A que é pousada para o amor que vinha já cansado de tudo e que não tinha onde ficar.

A que tem mãos felinas, mãos que arranham infladas de amor, sem a gente sentir, mãos que enlaçam, depois, cantam ternuras, e que emberçam as nossas amarguras e nos fazem dormir...

A que é mulher, — mar alto, porto e abrigo — a que fica a nossa espera, à que se pode voltar a qualquer hora…

A que sabe perdoar nossos pecados nossos marinheiros desejos desgarrados e não nos mandam embora...

Do amor não quero mais a aventura quero a companhia: a que depois do beijo me dará a mão, a que será minha — à noite se entregara sem pejo — e impoluída e pura, continuara comigo, com a mesma ternura no coração...

Quero a doce, a permanente companhia .

A que depois da noite é o meu dia, e, com o braço em meu braço há de acertar seu passo na mesma direção…

J. G. de Araújo Jorge, Os mais belos poemas que o Amor inspirou, Vol IV